

Os bruzundangas





LIMA BARRETO
Os bruzundangas

Incluindo

Outras histórias dos bruzundangas

TEXTO INTEGRAL

Apresentação de

Valentim Facioli

gerente editorial Claudia Morales
editor Fabricio Waltrick
editores assistentes Fabiane Zorn e José Muniz Jr.
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisão Cláudia Cantarin e Camila Zanon

arte

imagem da capa Retrato, 2001, obra de Tônico Lemos Auad
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
editor Vinicius Rossignol Felipe
diagramadora Thatiana Kalaes
editoração eletrônica Acqua Estúdio Gráfico

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

B26b
4.ed.

Barreto, Lima, 1881-1922
Os bruzundangas / Lima Barreto. - 4.ed. - São Paulo : Ática, 2011.
232p. - (Bom Livro)

Apêndice
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-12705-4

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

09-3765

CDD 869.93

CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 12705-4 (aluno)
ISBN 978 85 08 12706-1 (professor)
Código da obra CL 736807
CAE: 251019-AL

2014

4ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática | 1998
Avenida das Nações Unidas, 7221 | Cep 05425-902 | São Paulo | SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

República dos Bruzundangas: por que não me ufano de meu país 9

Os bruzundangas

Prefácio 19

Capítulo especial – Os samoiedas 23

I Um grande financeiro 35

II A nobreza da Bruzundanga 40

III A outra nobreza da Bruzundanga 45

IV A política e os políticos da Bruzundanga 49

V As riquezas da Bruzundanga 52

VI O ensino na Bruzundanga 55

VII A diplomacia da Bruzundanga 58

VIII A Constituição 63

IX Um mandachuva 67

X Força armada 71

XI Um ministro 73

XII Os heróis 77

XIII A sociedade 81

XIV As eleições 85

XV Uma consulta médica 89

XVI A organização do entusiasmo 94

XVII Ensino prático 97

XVIII A religião 100

XIX Q.E.D. 100

XX Uma província 102

XXI Pancome, as suas ideias e o amanuense 106

XXII	Notas soltas	116
	Sobre o teatro	119
	Sobre os literatos	120
	Sobre os jornais	121
	Erudição	121
	Sobre a administração	121
	No gabinete do ministro	122
	Sobre os sábios	123
	Sobre a música	125
	Sobre a indústria	125
	A última nota solta	125

Outras histórias dos bruzundangas 127

As letras na Bruzundanga 129

A arte 132

Lei de promoções 135

Rejuvenescimento 137

No salão da marquesa 139

Outras notícias 141

Vida & obra 145

Resumo biográfico 169

Obras do autor 171

Obra da capa 175



REPÚBLICA DOS BRUZUNDANGAS: POR QUE NÃO ME UFANO DE MEU PAÍS

Valentim Facioli

Doutor em literatura brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), onde também foi professor.

Em 1918, na *Revista Contemporânea*, Lima Barreto publicou um violento artigo contra o escritor mais conhecido da época, Coelho Neto. Chega a dizer que “o senhor Coelho Neto é o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual”. O artigo denomina-se “Histrião ou literato?”, e o motivo do ataque o leitor vai encontrar nas *Outras histórias dos bruzundangas*, logo na primeira, onde está transcrito, como epígrafe, um trecho do discurso que Coelho Neto pronunciou na inauguração da piscina do Fluminense F.C., do Rio de Janeiro.

Lima Barreto detestava o futebol, mas o principal da zanga era o fato de Coelho Neto emprestar seu prestígio de escritor consagrado, esquecendo-se “da dignidade de seu nome, da grandeza de sua missão de homem de letras, para ir discursar em semelhante futilidade”.

Esse artigo é parte do combate que Lima Barreto travou contra um tipo de literatura e de vida social dos escritores, que mais tarde receberia a irônica denominação de *sorriso da sociedade*. No mesmo artigo, o autor explicava o que era essa literatura e esse comportamento: “O senhor Neto quer fazer constar ao público brasileiro que literatura é escrever bonito, fazer brindes de sobremesa, para satisfação dos ricos”.

Em contraposição, ele defendia o que chamou de *literatura militante*: “A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para a conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade”. Porque “os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos”.

Lima Barreto viveu e escreveu no período que a historiografia literária brasileira chama de pré-modernismo, quando dominavam no país as

correntes estéticas vindas do século XIX e já em diluição, como o parnasianismo, o simbolismo (na poesia) e um realismo bastante convencional e cansado (na prosa). O modernismo, inaugurado em 1922, não chega a ser conhecido por Lima Barreto, que morre no mesmo ano.

Na política, o Brasil vivia a República Velha, ou Primeira República, dirigida por oligarquias regionais que dominavam o país com mão de ferro, especialmente a chamada “café com leite” — isto é, São Paulo e Minas Gerais. A república de 1889 estava “firme e definitiva”, e as oligarquias tinham consolidado seu poder, mantendo antigos privilégios ao mesmo tempo que procuravam atualizar no país as relações capitalistas de produção. O resultado era a convivência entre a miséria de muitos e o conforto e “progresso” de poucos; entre o velho e o novo: a sociedade arcaica do século XIX e a que havia sido conservadoramente “modernizada” através de um maior intercâmbio com os países europeus ou os Estados Unidos.

O Rio de Janeiro, por exemplo, tinha seus casarões antigos do centro demolidos em favor da abertura de largas avenidas, com prédios novos, em estilo *art nouveau*, tidos por modernos. Enquanto isso, nos subúrbios e nos morros, a população pobre vegetava marginalizada e abandonada à própria sorte, sem urbanização, sem saneamento, sem saúde, quase sem participação no mercado de trabalho ou nos resultados do “progresso”. Ao mesmo tempo, as relações sociais das camadas próximas ao poder se mantinham na base do protecionismo, das concessões mútuas, dos favores pessoais, dos privilégios de toda ordem:

A força da nova sociedade estava concentrada justamente nos comportamentos mais antissociais, elevados à condição de valores máximos da elite: o gosto pela fruição do conforto material e pelas situações de privilégio e superioridade, despertando a discriminação e as mais variadas formas de desprezo mútuo entre os cidadãos. Era a condenação de qualquer princípio de solidariedade de antemão. Daí o desenvolvimento do “canibalismo dos argentários” e a transformação do “preconceito em conceito”. A riqueza, as posições, os cargos, os símbolos de distinção, de carreira e o saber passavam a exercer a indigna função de separar e indispor os homens entre si, enquanto a República cumpriria o papel de “enriquecer os ricos e empobrecer os pobres”.¹

Nesse quadro, a literatura do sorriso da sociedade era a distração e o passatempo das elites letradas e ociosas, ornamento e distinção mundanos e

1 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

inconsequentes, completamente alheia aos problemas do país e às contradições entre trabalho e capital. Preocupada com o agrado dos “ricachos”, fazia-se como escrever “bonito”, fundada em convenções literárias e éticas, veiculando banalidades amenas. Era a literatura do bom-tom, da compostura (na linguagem e na moral), da representação agradável dos “problemas” de certas camadas sociais como se fossem os do país.

Lima Barreto era mulato, pobre, suburbano, vítima dos arraigados e generalizados preconceitos de raça e de classe (que quase sempre são da mesma natureza e se confundem). Combateu aquela literatura e seus produtores, como também as mazelas da sociedade, por meio do humor, da ironia, da sátira, da caricatura sarcástica, ridicularizando-a e a seus autores e consumidores. Tinha a “literatura, a que me dediquei e com quem me casei”, na conta da mais nobre missão a que um homem podia dedicar-se. Ele sempre escreveu em condições pessoais e sociais muito adversas, de modo que seu texto, às vezes, padece de defeitos advindos aparentemente da pressa, do descuido ou de outras dificuldades. Entretanto, na maior parte das vezes, o que a alguns pode parecer defeito ou descuido era propriamente a intenção de não escrever bonito, de romper com o modelo ornamental da literatura agradável e de passatempo, de questionar a gramatiquice que imperava e levava a maioria dos escritores a uma dicção lusitanizante, que procurava imitar autores clássicos da língua. Lima Barreto sabia muito bem e não se incomodava que “toda a duvidosa e brigona gramática nacional me tem por incorreto”.

Embora a sátira seja o traço mais visível de quase tudo o que escreveu, em *Os bruzundangas* Lima Barreto “fez obra satírica por excelência”². Para isso utilizou-se de inúmeros expedientes, como esse de mostrar um narrador brasileiro que visitou o país dos bruzundangas, o qual em tudo se assemelha ao Brasil do início do século XX. Outros escritores satíricos fizeram algo semelhante — no século XVIII, por exemplo, o francês Montesquieu com as *Cartas persas* e o irlandês Swift com *As viagens de Gulliver*. Além disso, ele aproveitou muito bem a tradição da sátira em língua portuguesa, que vem desde Gregório de Matos, passando por Raul Pompeia e Eça de Queirós — este, aliás, uma das fontes mais próximas do escritor carioca. A sátira encerrava, para Lima Barreto, “a aspiração de realizar o máximo de reformas possíveis dentro de cada sociedade, tendo em conta as suas condições particulares”. Havia na atitude dele um fundo moralista — em comum com Monteiro Lobato, a quem muito admirava. Daí a

2 Bosi, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

denúncia e crítica dos males sociais, das injustiças, dos preconceitos, dos privilégios dos poderosos: Lima Barreto entendia que a política praticada pelas oligarquias dominantes tinha em vista apenas “fazer fortunas [e] não ter nenhum propósito de favorecer a comunhão geral”. Contudo, ele sempre salientou sua posição independente, desvinculada de qualquer doutrina ou corrente organizada: “O que tenho são implicâncias parvas [...] e não é em nome de teoria alguma, porque não sou republicano, não sou socialista, não sou anarquista, não sou nada: tenho implicâncias”.

Os textos que compõem *Os bruzundangas* foram, em sua maioria, publicados primeiramente no semanário A.B.C., do Rio de Janeiro, em 1917. Algumas notas ficaram sem desenvolvimento e só saíram em livros bem mais tarde. As *Outras histórias dos bruzundangas* são crônicas publicadas em diferentes revistas, em 1919. A primeira edição em livro saiu em 1922, após a morte do escritor, embora ele tivesse preparado o volume para o editor Jacinto Ribeiro dos Santos alguns anos antes. Em carta de 1921, confidenciava a um amigo: “Há quatro anos que o Jacinto anuncia as minhas *Notas sobre a República dos Bruzundangas* e não as põe para fora”.

Propondo-se como obra de combate, não se pode esperar de *Os bruzundangas* a preponderância da realização artística. Por isso mesmo, apesar de seus valores estéticos próprios, vale mais um levantamento dos inúmeros temas abordados, pois parece ter sido intenção do autor apresentar um amplo painel dos males da sociedade da Bruzundanga, à semelhança dos da brasileira, conforme ele os entendia. Lê-se no Prefácio: “A ‘Bruzundanga’ fornece matéria de sobra para livrar-nos, a nós do Brasil, de piores males, pois possui maiores e mais completos”.

O capítulo especial sobre a escola samoieda da literatura bruzundanguense é primoroso. É a sátira do texto “sorriso da sociedade” e dos escritores que usavam “de todos os posições literários” e abusavam “de todas as mesquinhezias da profissão”. “Sua excelência” é um dos textos mais contundentes da língua portuguesa sobre a relação de dependência entre dominado e dominador, que se completam pela divisão do trabalho e pela função de classe. O grande segredo da dominação é que o dominado sonhe em ser como o dominador. A distância entre literatura culta e literatura oral/popular é questionada, porque falar de um modo e escrever de outro significa o afastamento entre o povo e seus dominadores.

As proezas do economista doutor Karpatoso parecem de hoje, pois os desmandos administrativos e a falsa sabedoria na matéria são espelho de uma sociedade provinciana e dependente, que, entretanto, se representa como cosmopolita. Do mesmo modo, a nobreza e os grandes da Bruzun-

danga apenas se reconhecem a partir do reconhecimento do exterior e de modelos de fora; passam a macaquear os modismos e cacoetes do estrangeiro, como se fossem a última moda em modernidade. A ridicularia da política baseada no privilégio, no favor, no nepotismo, no filhotismo, no protecionismo de toda espécie não é diferente. As desgraças do ensino, da medicina, do processo eleitoral, etc., também não são.

Por meio de traços caricaturais, de fundo expressionista — aspecto ainda pouco estudado no seu estilo —, Lima Barreto ataca o preconceito racial e de classe (os javaneses na Bruzundanga) e a hipocrisia das oligarquias e dos que com ela colaboram. O ufanismo hipócrita, a que o escritor chama de bovarismo (uma pessoa ou um país se representar aquilo que não é), está no centro mesmo de seu fogo cerrado, porque isso constituía o miolo da ideologia dos dominadores para manter o domínio e fraudar a participação e expressão do povo. O ataque devastador de Lima Barreto não está isento de ingenuidades, mas o ridículo, o cômico, a paródia e o humor amargo operam como armas poderosas.

Terminada a leitura, é difícil a indiferença. O efeito do texto é o de um ferrão na inteligência do leitor, de modo que a deformação caricatural serve para acentuar os traços amorais e imorais das ações humanas movidas por interesses mesquinhos e egoístas. Trata-se, portanto, de dissecar, expor e denunciar um mundo sob o império do mal, onde os homens vivem divididos, incapazes de qualquer solidariedade, individualistas e solitários, preocupados apenas em defender seus interesses pessoais, de grupo ou de classe social. Os mais fortes devorando os mais fracos, às vezes até com a anuência destes. De modo geral, é por meio das deficiências morais dos indivíduos que Lima Barreto acentua o mal praticado por eles — daí o moralismo que percorre o texto, como seu próprio sistema nervoso e vital. Por outro lado, o escritor não perde de vista que a deformação moral do homem não nasce com ele, mas aparece e se consolida nas relações sociais. Por isso, está sempre implícito que os interesses e divisões do indivíduo são componentes dos interesses de classe e função social. Entretanto, para que esse jogo de opressões e devoração, cinismo e patifarias se perpetue, ele percebe a necessidade da ideologia, quer dizer, da produção de linguagem e valores que legitimem as regras desse jogo. E percebe que a ideologia serve aos dominadores, embora contamine também os dominados, que acabam funcionando como cúmplices.

O resultado disso é que Lima Barreto é um escritor moderno e arcaico ao mesmo tempo, suburbano e cosmopolita, capaz de estar à frente de seu país e incapaz de transpor os limites que o oprimiam. É um escritor

preso a concepções já quase caducas na Europa e, ao mesmo tempo, capaz de fazê-las válidas no nosso meio, em função do nosso atraso e dependência. Lima Barreto atualizava-se e nos atualizava com o envelhecido europeu. Por isso mesmo é profundamente coerente com nosso atraso e dependência econômicos, políticos e sociais. E também coerente com um “projeto” de frações médias urbanas, cujo limite inferior era a dependência “orgânica” das oligarquias (o que era arcaico) e o superior, a reforma das práticas sociais degeneradas e odiosas dessas mesmas oligarquias (o que era o moderno do momento brasileiro). Embora manifestando simpatias pelo maximalismo (isto é, o bolchevismo da Revolução Russa de 1917, segundo versões francesas), Lima Barreto não pôde ir além da sátira dos opressores para conceber um projeto histórico alternativo. Era um círculo de aço de caricatura do opressor, mas, em última instância, de “dependência” dele. Instaurou, portanto, uma “crise” na linguagem e na ideologia do texto, que era a crise verdadeira das relações de dominação das oligarquias.

De todo modo, a atualidade e a vigência de sua literatura bem demonstram a militância de que ele foi capaz para dar conta dos problemas da época e do país, e que esse país ainda não superou aqueles problemas. Lima Barreto é o escritor do nosso atraso e da nossa dependência na divisão internacional do trabalho e do capital, e do nosso cosmopolitismo como componente necessário desse atraso e dessa dependência.



Os bruzundangas

Hais tous maux où qu'ils soient,
très doux Fils.*
JOINVILLE, São Luís

* Em francês, "Odeie todos os males onde eles estiverem, dulcíssimo filho". (N.E.)

